



MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO EM PAULO FREIRE NO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS: UMA EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRB

Gilsélia Macedo Cardoso Freitas

43

Maria Eurácia Barreto de Andrade

Severino Bezerra da Silva

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre o processo de alfabetização baseado na perspectiva epistemológica de Paulo Freire e seu método político-emancipatório, bem como contextualizar o “método” Paulo Freire conforme a proposta realizada com os estudantes em formação e seus familiares não alfabetizados ou pouco escolarizados, vivenciada como releitura das quarenta horas em Angicos. O aporte teórico utilizado baseia-se, sobretudo, nas contribuições de Paulo Freire, Brandão, Lyra, dentre outros. No âmbito metodológico, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo participante, com produção de dados por meio da observação, registro em diário de campo e análise de documentos (relatórios). Os resultados apontam para a riqueza alfabetizadora do “método” Paulo Freire e como este se revela atual, constituindo a base para alfabetizar sujeitos da classe trabalhadora. Além disso, os dados revelam a importância do legado de Paulo Freire e a necessidade da sua constante reinvenção, segundo nos convidou o próprio autor.

Palavras-Chave

Alfabetização; Educação de Jovens; Adultos e Idosos; Paulo Freire; Experiência Formativa.

MÉTODO DE ALFABETIZACIÓN EN PAULO FREIRE EN LA PRÁCTICA EDUCATIVA DE JÓVENES, ADULTOS Y MAYORES: UNA EXPERIENCIA EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA DE LA UFRB

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el proceso de alfabetización a partir de la perspectiva epistemológica de Paulo Freire y su método político-emancipador, así como contextualizar el “método” Paulo Freire según la propuesta realizada con los estudiantes en formación y sus familiares analfabetos o con bajo nivel educativo, vivido como una reinterpretación de las cuarenta horas en Angicos. El sustento teórico utilizado se basa, sobre todo, en los aportes de Paulo Freire, Brandão, Lyra, entre otros. En el ámbito metodológico, se trata de una investigación cualitativa, de tipo participante, con producción de datos a través de la observación, registro en un diario de campo y análisis de documentos (informes).



Los resultados señalan la riqueza alfabetizadora del “método” Paulo Freire y su actualidad, constituyendo la base para enseñar a leer y escribir a los sujetos de la clase trabajadora. Además, los datos revelan la importancia del legado de Paulo Freire y la necesidad de su constante reinención, tal como lo presenta el propio autor.

Palabras clave

Alfabetización; Educación de Jóvenes; Adultos y Adultos Mayores; Paulo Freire; Experiencia de entrenamiento.

LITERACY METHOD IN PAULO FREIRE IN THE EDUCATION INTERNSHIP OF YOUNG PEOPLE, ADULTS AND ELDERLY: AN EXPERIENCE ON THE PEDAGOGY COURSE AT UFRB

ABSTRACT

This article aims to reflect on the literacy process based on Paulo Freire's epistemological perspective and his political-emancipatory method, as well as contextualizing the Paulo Freire “method” according to the proposal made with students in training and their illiterate or poorly educated family members, experienced as a reinterpretation of the forty hours in Angicos. The theoretical support used is based, especially, on the contributions of Paulo Freire, Brandão, Lyra, among others. In the methodological scope, this is a qualitative participant-type research, with data production through observation, recording in a field diary, and analysis of documents (reports). The results point to Paulo Freire's valuable literacy method and how it proves to be current, constituting the basis of the literacy process of the working class. Furthermore, the data reveals the importance of Paulo Freire's legacy and the need for its constant reinvention, as proposed by the author himself.

Key words

Literacy; Education of Young People; Adults and Elderly; Paulo Freire; Training Experience.

1 APONTAMENTOS INICIAIS

A discussão sobre alfabetização na Educação de Jovens e Adultos baseada na perspectiva do método Paulo Freire não pode acontecer sem fazer menção à problemática do analfabetismo – que apresenta um mapa vergonhoso –, tampouco à experiência piloto realizada em Angicos, no início da década de 1960. É nesse sentido que o poeta Thiago de Mello com sua poesia intitulada “Canção para os fonemas da alegria”, construída em Santiago do Chile, no verão de 1964, faz referência ao nosso mestre pernambucano e nordestino Paulo Freire, que propõe um novo panorama epistemo-metodológico para o processo de alfabetização.



Dessa maneira, iniciamos as reflexões afirmando que a alfabetização, enquanto direito constitucional de todas as pessoas, deve ocupar, sim, lugar de centralidade nas pautas de todos os espaços e instituições formativas. Esta deve estar inserida na ordem do dia das discussões em torno da educação, uma vez que o nosso país ainda enfrenta o grande desafio de superar o analfabetismo, que se constitui como um dos grandes entraves históricos a ser urgentemente superado.

Esse cenário de fragilidade no país, revelado pelos altos indicadores de analfabetismo (5,6%¹), tenciona para movimentos de luta, de mobilização e de enfrentamento, em razão de estar se tornando, de forma lenta, um problema histórico. Desde a colonização essa problemática vem progressivamente se instalando no país, incomodando professores, gestores, pesquisadores e demais profissionais da educação, os quais, de diferentes formas, buscam movimentos de enfrentamento nas suas ações cotidianas.

Esse contexto de fragilidade, que constitui uma vergonha histórica, indica que o país ainda tem um longo caminho para superar o desafio do analfabetismo, que marginaliza homens e mulheres da classe trabalhadora e impossibilita o direito de participarem com autonomia dos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade, constituindo um triste quadro de exclusão.

Em face dessas reflexões, Santos e Damiani (2005) destacam que, com a invenção da escrita, duas dimensões foram construídas contribuindo para a construção da exclusão: a do “segredo” e da “chave”. O segredo pode estar relacionado ao código escrito e a chave pode representar a leitura, para desvendar e ter acesso a esse “segredo”. Na compreensão das autoras, a partir deste momento, o contexto ocidental criou outra polaridade referente à escrita alfabética: os possuidores da chave (alfabetizados) e os não detentores desta (não alfabetizados). Assim, em uma sociedade grafocêntrica/letrada, o alfabetismo funda-se como sinônimo de poder, nutrindo um cenário de exclusão àqueles que foram impedidos do acesso ao “segredo” e a “chave”.

Diante desse conjuntura cruel de polaridade, algumas questões se fazem necessárias: a quem interessa o analfabetismo? Por que ainda existem tantas pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas no país? Quem são os estudantes que ocupam os bancos da

¹ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro, IBGE, 2023.



Educação de Jovens e Adultos? Em que contextos vivem? Por que a EJA historicamente ocupou e ainda ocupa um não lugar na Educação? Por que a alfabetização da população (em todos os tempos geracionais) não tem ocupado centralidade nas discussões do país? Quais políticas públicas efetivas foram/são pensadas para mudar a cruel realidade do analfabetismo numa perspectiva emancipadora? Que papel o analfabetismo cumpre na sociedade de classe? Estas e tantas outras questões são relevantes para melhor compreendermos a realidade atual e, sobretudo, para contextualizar a experiência da releitura do Método Paulo Freire por meio do projeto “As quarenta horas em Angicos como inspiração para as quarenta horas em Amargosa”.

Forjada a partir de uma experiência formativa alfabetizadora com pessoas jovens, adultas e idosas, no âmbito do estágio curricular no componente Prática Reflexiva em Educação de Jovens e Adultos, no curso de Licenciatura em Pedagogia, nas suas três edições, em articulação com o programa de Extensão Tecelendo², este artigo propõe apresentar reflexões sobre a experiência, evidenciando o nascimento desta, os caminhos trilhados, as reflexões tecidas no processo e os resultados alcançados.

Como nasce o projeto? Por que realizar um trabalho formativo com inspiração em uma experiência realizada há mais de meio século? Por que trazer à tona o trabalho de Paulo Freire em um contexto pandêmico, de distanciamento, em um momento político de ataque à democracia e tentativa de negação do legado deste grande mestre? São questões necessárias para melhor contextualização e posterior diálogo acerca da experiência aqui apresentada.

O projeto “As quarenta horas em Angicos como inspiração para as quarenta horas em Amargosa” nasce em um momento de muitas incertezas, medos e, sobretudo, de dúvidas, marcado pelo período crítico da Pandemia da Covid-19, com o isolamento social e a necessidade da realização das atividades acadêmicas de forma remota, tendo as telas como os principais veículos para alcançar os estudantes em formação. Neste momento, fomos tencionados a reinventar estratégias e ações possíveis para garantir a formação qualificada dos futuros professores, porém sem a possibilidade da presencialidade.

² O Programa de Extensão Tecelendo surgiu no ano de 2008, inicialmente como projeto de alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, assumindo a tecelagem artesanal como força metodológica para aglutinação das pessoas em torno de seus processos de significação humana a partir do trabalho, da arte, da leitura e da escrita.



O desafio estava posto a todos os professores e, diante da realidade e das necessidades impostas pelo momento da crise sanitária, outras interrogações emergiram: como realizar o estágio na modalidade da Educação de Jovens e Adultos neste contexto? De que forma poderemos alcançar estes homens e estas mulheres não escolarizados pelas telas, considerando que um grande número não tem familiaridade com as tecnologias da informação e comunicação? De que maneira poderemos contribuir para a redução do analfabetismo nesta conjuntura? Estas questões foram basilares para as discussões na busca de construir uma proposta de estágio que atendesse às necessidades formativas dos estudantes, mas, para além disso, que pudesse contribuir para que muitos jovens, adultos e idosos não alfabetizados ou pouco escolarizados tivessem o direito ao encontro ou reencontro com a alfabetização, não uma alfabetização fragmentada, simplista, bancária, mas que fosse garantida uma formação na perspectiva libertadora, em que os estudantes inseridos tivessem oportunidade de “dizer a sua palavra”, pois historicamente tiveram suas vozes silenciadas.

Diante da complexidade que marcou este momento, quem poderia inspirar para a construção de uma proposta formativa que atendesse a tantas particularidades? Foi nesta ocasião que Paulo Freire entrou em cena. E o desafio daquele momento foi desenhar um projeto pautado no “Método Paulo Freire”, mas em um contexto de crises e divórcios nos mais diversos âmbitos. Assim, a experiência alfabetizadora das 40 horas em Angicos-RN serviu como inspiração para que a proposta fosse construída: um projeto que buscou alfabetizar jovens, adultos e idosos do contexto familiar dos estagiários – estes, na condição de estudantes pertencentes à classe trabalhadora, observaram que a problemática do analfabetismo está presente nos seus lares e/ou nos seus entornos.

Foi neste cenário que a experiência emergiu: um projeto de estágio em Educação de Jovens e Adultos inspirado na proposta idealizada por Paulo Freire, na década de 1960, para alfabetizar trabalhadores e trabalhadoras em 40 horas, a partir dos seus contextos, na intenção de não apenas aprender a ler e a escrever, mas fazer uso social, politizar, dizer a sua palavra, intervir responsabilmente na sociedade e reescrever a sua história.

Para tanto, o objetivo que mobilizou o trabalho foi refletir sobre o processo de alfabetização baseado na perspectiva epistemológica de Paulo Freire e seu método político-emancipatório, bem como contextualizar o “método” Paulo Freire conforme a proposta



realizada com os estudantes em formação e seus familiares não alfabetizados ou pouco escolarizados, vivenciada como releitura das quarenta horas em Angicos.

Nesse sentido, foram mobilizados teóricos clássicos que dedicam seus estudos às temáticas que atravessam as reflexões aqui tecidas. Destacamos, portanto, as contribuições de Paulo Freire (2016), Brandão (2002; 2018), Lyra (1996), dentre outros que contribuem para melhor compreender, refletir e problematizar sobre a experiência alfabetizadora de Paulo Freire e toda a colaboração para uma nova forma de pensar a educação.

No âmbito metodológico, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, visto que, conforme destaca Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “[...] procura entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”. Destarte, se abastece da pesquisa participante, com produção de dados por meio da observação, registro em diário de campo e análise de documentos (relatórios dos estudantes em formação³). Esta opção metodológica decorre das implicações com a pesquisa desta natureza, por compreendermos ser o melhor caminho para a garantia de resultados mais qualificados. Conforme anunciam Sampiere, Collado e Lucio (2006), esse estudo possibilita maior profundidade aos dados, maior riqueza interpretativa por valorizar a contextualização do ambiente, a valorização dos detalhes e oferecer flexibilidades.

A intenção é que esta pesquisa possa contribuir para a ampliação do debate acerca da alfabetização de Jovens e Adultos, bem como da riqueza da epistemologia político-emancipatória de Paulo Freire, mesmo depois de mais de meio século de existência. Esperamos, também, que este estudo promova novas práticas formativas, novas experiências alfabetizadoras inspiradas no “Método Paulo Freire”, de modo que possa avançar na luta contra entraves históricos, sobretudo do analfabetismo no país, um problema vergonhoso que se instalou ao longo dos tempos e que precisa urgentemente de ações de combate. Precisamos realizar movimentos de luta em defesa da garantia dos direitos a todos que foram impedidos de ler e escrever, que tiveram a sua humanidade roubada, a fim de que possamos, em um futuro próximo, ter novas narrativas para a EJA e o analfabetismo superado.

³ De um total de sessenta e dois relatórios das três edições da experiência foram utilizadas como *corpus* neste artigo apenas três referentes ao ano de 2022.



2 ALFABETIZAÇÃO EM PAULO FREIRE: REPRODUÇÃO OU TRANSGRESSÃO?

Refletir sobre alfabetização em Paulo Freire, vem à tona fragmentos do poema “Canção dos fonemas da alegria”, de Thiago de Mello, o qual convida-nos a pensar sobre a sua epistemologia alfabetizadora, bem como a experiência das “quarenta horas em Angicos⁴”, que está para além de um método. Assim como evidenciado por Thiago de Mello, “[...] unindo pedaços de palavras, aos poucos vai unindo argila e orvalho, tristeza e pão, cambão e beija-flor, e acaba por unir a própria vida”. As palavras, longe de serem desconexas das vivências sociais, dialogam a todo o momento com os sujeitos envolvidos e com os seus contextos. São palavras grávidas de sentidos, são palavras/textos que fazem parte de um contexto maior, de uma tessitura com significado. Desta forma, a aprendizagem da escrita e da leitura com função social, com sentido, significado e de forma contextualizada, pode promover um “clarão”, no intuito de “ajudar o mundo a ser melhor”.

É nesse sentido que as reflexões desta seção são pautadas: na teoria alfabetizadora de Paulo Freire, com foco em uma das dimensões desta epistemologia alfabetizadora/educadora: o seu método. É importante destacar que Freire não criou apenas um método de alfabetização; conforme anunciado por ele, criou um projeto amplo e integrado de Educação que iniciava com a alfabetização e concluía com a proposta da construção de uma Universidade Popular (FREIRE, 1983). Além disso, como se autodenominava um ser inacabado, reconhecia que sua criação metodológica não estava completa, pronta e acabada, mas que poderia ser cotidianamente complementada, recriada, reinventada a partir de outras experiências.

Foi exatamente atendendo ao convite de Paulo Freire que a experiência alfabetizadora das quarenta horas em Amargosa foi realizada, ressignificando o seu método a partir das contingências que marcaram o momento pandêmico, lançando mão das tecnologias atuais para contemplar pessoas jovens, adultas e idosas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas do convívio familiar dos/as estudantes em formação.

Em face dessa realidade, o processo de alfabetização postulado por Freire parte da realidade concreta dos estudantes envolvidos, das suas vivências e contextos de existência.

⁴ Experiência alfabetizadora realizada por Paulo Freire, em Angicos, no Rio Grande do Norte, na década de 1960, que inaugurou uma nova perspectiva de alfabetização, pautada nos sujeitos, seus contextos e vivências. Uma alfabetização politizadora que liberta pelo diálogo.



Diferentemente da perspectiva conservadora, que valoriza as cartilhas prontas com *pseudotextos* utilizados como pretexto para o ensino das letras, sílabas e palavras desvinculadas da realidade, o “método Paulo Freire” inaugura uma perspectiva transgressora, revolucionária de alfabetização que parte do sujeito, seus contextos e sua realidade social para a pesquisa do universo vocabular.

São desafiados a pensar seus contextos e a pesquisar o território onde os pés pisam, onde as manifestações culturais acontecem, onde os diálogos são estabelecidos. Assim, a própria comunidade é palco de investigação. Dessa maneira, inicialmente são tencionados a observarem as palavras mais recorrentes naquele contexto e depois os temas geradores. Ocorre uma saída a campo para conhecer a própria realidade, nutrida de vida, de movimento, de modo que possam registrá-la. Trata-se do primeiro momento que Freire chamou de investigação temática, estudo da realidade, pesquisa sociológica que está para além da verificação do universo vocabular, mas as diferentes dimensões que atravessam os sujeitos nos seus contextos sócio-político-culturais. Todo esse estudo serve como mote para o segundo momento proposto por Freire: a tematização. Na experiência alfabetizadora em Angicos, no seu primeiro movimento, conforme afirma Brandão (2018, p. 314),

[...] os componentes do círculo de cultura eram incentivados a realizarem atividades destinadas a um primeiro conhecimento de sua própria comunidade e a elaborarem, a partir de uma pesquisa do universo vocabular e do universo temático, o próprio material com que a seguir realizariam o seu aprendizado.

Depois deste movimento investigativo, da teoria de Paulo Freire, o segundo momento propõe sistematizar o que foi vivido, observado nesta “leitura do mundo”, transformando em temas geradores, a partir dos quais poderão realizar o estudo cuidadoso, de modo a esgotar e superar as possibilidades de reflexão e compreensão do tema. Estes devem fecundar reflexões revestidas de criticidade e politização a fim de superar a visão ingênua e promover uma visão crítica da realidade. Sobre esse momento, Brandão (2018, p. 314) declara:

[...] de posse do “material coletado”, a equipe do círculo de cultura envolvia-se no trabalho de processar o material do levantamento das palavras geradoras e do universo temático que se constituiria como matéria-prima de um trabalho coletivo de criação de saberes e de aprendizagem de “ler palavras e ler o mundo”.



O terceiro momento proposto por Freire diz respeito à problematização. Esta tenciona uma reflexão crítica da realidade social no intuito de transformar o contexto vivido, superando uma visão ingênua. Problematizar, questionar as situações de violência, de opressão, que são muito presentes, sobretudo, no contexto da classe trabalhadora, não pode ficar fora deste momento. De acordo com Feitosa (2019, p. 39),

Problematizar é inserir a dúvida, as diferentes possibilidades de se enxergar um problema. Para se problematizar um fato, o educador ou educadora deverá lançar mão da pedagogia da pergunta. A pergunta nos leva à “desnaturalização” do natural. Ela nos permite questionar nossas certezas e procurar outras formas de ver o mesmo objeto. A pergunta desestabiliza o óbvio, extrapola o senso comum e é um importante instrumento para a superação da consciência ingênua.

É a pergunta que mobiliza, que move, que impulsiona. A referida autora ainda destaca que este se constitui como o momento político do Método. “É por meio da problematização da realidade que se imprime a ele o caráter libertador. É questionando a pseudo-neutralidade da ação educativa que fazemos emergir a realidade velada” (FEITOSA, 2019, p. 39).

Portanto, após esse momento de problematização é que o processo sistemático de alfabetização se instaura. Para tanto, num movimento cultural, didático, participativo e essencialmente pedagógico a leitura e a escrita começam a ganhar vida e se materializar nos círculos de cultura, de maneira a relacionar as habilidades de ler e escrever com as suas vivências e contextos. Nas palavras de Brandão (2018, p. 314), o ensino sistemático da construção da base alfabética prosseguia como

[...] um processo ativo e partilhado em que, através do desdobramento de cada uma das palavras escolhidas, geradoras em seus fonemas, todos eram incentivados a procurarem trabalhar o processo de decodificação, formando palavras existentes, “reais” ou não, e procurando integrar palavras em feixes de sentido, em pequenas frases que iam se tornando mais elaboradas e complexas ao longo do aprendizado.

Freire, na sua experiência em Angicos, lançou mão dos problemas sociais daquele momento para problematizar, questionar, tencionar o debate por meio das fichas de cultura. Mesmo em um período em que eram escassos os recursos tecnológicos, ele já se apropriou do recurso daquele momento para questionar as injustiças sociais, os contextos de negações e violências das mais diversas possíveis, tencionando uma reflexão mais crítica, sobretudo



do analfabetismo, que se revela como uma das formas mais cruéis de exclusão em nosso país.

Consoante as reflexões de Brandão (2018), Freire criou um método inovador que começa com diálogo, seguido das fichas de cultura, utilizando outro recurso visual: o projetor. Toda essa transformação e inovação verdadeiramente revolucionária de alfabetização traz a composição de que o círculo formado por pessoas é a melhor organização pedagógica. Trata-se de uma equipe que ensina e aprende ao mesmo tempo. Em vez de receberem cartilhas prontas, começam como pesquisadores. São desafiados a pesquisarem na sua própria comunidade, inicialmente a observarem as palavras mais recorrentes naquele contexto e depois os temas geradores.

Nesse cenário, ainda conforme Brandão (2018), Freire traz a educação para o movimento de cultura popular. Dessa maneira, a alfabetização se fecunda não para reproduzir o que já está pronto, mas para tornar o indivíduo capaz de dizer a sua palavra e escrever a sua própria história. É assim que a alfabetização em Paulo Freire se configura, como anuncia Fernandes (2014), a experiência em discussão foi um projeto de Educação Popular em potencial, uma política pública que reconhecia e valorizava os diferentes saberes e culturas dos sujeitos, na perspectiva da construção da autonomia para transformar a realidade social. Só assim a alfabetização *“acaba por unir a própria vida”* na descoberta de *“[...] que o mundo é seu também”*. Só com uma prática libertadora, conscientizadora e dialógica, como propôs Freire, a alfabetização é capaz *“[...] de ajudar o mundo a ser melhor”*, conforme evidencia o poema de Thiago de Melo, citado ao longo desta seção.

3 APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS: UMA RELEITURA DO MÉTODO DE PAULO FREIRE

Pedimos licença, com fragmentos do poema de Thiago de Melo *“para avisar que, ao gosto de Jesus, este homem renascido é um homem novo”*, que esta mulher renascida é uma nova mulher. Pedimos licença para *“ele/ela atravessar os campos espalhando a boa-nova, e chamar os companheiros a pelejar no limpo, frente a frente, contra o bicho de quatrocentos anos, mas cujo fel espesso não resiste a quarenta horas de total ternura”*. Pedimos licença para refletir sobre a experiência da releitura do Método de Alfabetização em Paulo Freire, na cidade do recôncavo baiano, chamada Amargosa, e conhecida como a cidade jardim, que perfuma e, ao mesmo tempo, amarga a vivência daqueles e daquelas que tiveram seu direito



de ser alfabetizado usurpado em face da perversa realidade do campo e da cidade para os que não pertencem à burguesia.

De igual impacto ao número de pessoas não alfabetizadas no país, destaca-se o número avassalador de pessoas não alfabetizadas no município. Por isso, incorporamos a sensibilidade freiriana com o desejo de espalhar a boa nova do projeto de estágio para alfabetizar familiares, amigos ou vizinhos dos graduandos em Pedagogia. Para tanto, o objetivo foi refletir sobre o processo de alfabetização com base na perspectiva epistemológica de Paulo Freire e seu método político-emancipatório, bem como contextualizar o “método” Paulo Freire conforme a proposta realizada com os estudantes em formação e seus familiares não alfabetizados ou pouco escolarizados, vivenciada como releitura das quarenta horas em Angicos.

A proposta é iniciada com intenso estudo dos escritos de Paulo Freire (2016), Carlos Lyra (1996) e Carlos Rodrigues Brandão (1991). As principais obras estudadas foram aquelas que dialogam com o objetivo de alfabetizar pessoas jovens, adultas e idosas a partir do método criado por Paulo Freire, quais sejam: *Pedagogia do Oprimido*, *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação e o que é o Método Paulo Freire*; e também lançando mão do documentário *Alfabetização em Angicos – A Pedagogia de Paulo Freire – Sala de Notícias Canal Futura*, totalizando 34 horas/aulas de discussão teórica e compreensão da realidade vivida e do fenômeno do analfabetismo no Brasil e 40 horas/aula de prática de estágio.

É importante destacar que o método de alfabetizar criado por Paulo Freire tornou-se conhecido internacionalmente, implantado em Angicos, na caatinga do Rio Grande do Norte, no ano de 1963. Conta-nos Calazans Fernandes (1996), ao prefaciá-lo no livro *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*, de autoria do Prof. Carlos Lyra, o alarde da imprensa brasileira e internacional sobre o feito de alfabetizar trezentas pessoas em quarenta horas, sobretudo porque ia na contramão da repressão e da rota de Paulo Freire, destinado ao exílio, uma vez que o país vivia a repressão em exercício nos tribunais numa “preparação” para a execução do golpe militar. Entre aplausos fora do país e grades no Brasil, o ilustre mestre foi obrigado a se exilar durante um longo período, esse tempo de exílio fez Paulo Freire tratar, em 55 países por onde trilhou, da descoberta pedagógica.



Em nosso contexto educacional, a realidade posta em 2021 forçou a universidade a fechar seus portões em atendimento às medidas sanitárias e de enfrentamento ao vírus letal, ao mesmo tempo em que lançou orientações para o ensino remoto. Aqui faremos o registro da proposta de formação de estudantes em nível de graduação e o processo de alfabetização durante o estágio em EJA e o uso das tecnologias no ensino remoto, nas suas três edições.

Na condição de docente as várias indagações serviram de orientação nas práxis pedagógicas e vários foram os achados, os quais merecem ser analisados à luz da ciência. A hipótese é a de que nossos graduandos, filhos da classe trabalhadora, na sua maioria, possuem familiares não alfabetizados, então o uso de plataforma digital para alfabetizá-los seria uma possibilidade?

Para responder à indagação acima apontamos, a seguir, o percurso trilhado. Conforme dito anteriormente, após robusto estudo teórico partimos para colocar em prática o projeto. Os estudantes da graduação realizaram a matrícula do/a alfabetizando/a no projeto, através do Programa de Extensão Tecelendo (UFRB), que integra ações de alfabetização de jovens, adultos e idosos via extensão universitária. Para a realização da matrícula elaboramos um formulário no *Google Forms*, com dados de identificação (nome, data de nascimento, sexo, religião, residência (campo ou cidade), profissão/ocupação, escolaridade, motivo de parar de estudar, o que espera estudar no projeto e sugestões). O preenchimento do formulário foi realizado com a colaboração dos/as estagiários/as.

Nas três edições do projeto foram matriculadas oitenta pessoas, 73,8% são mulheres e 26,2% homens. As datas de nascimento têm como registro o período de 1936 a 2001; chama-nos atenção o número significativo de pessoas nascidas nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970, período dos maiores índices de analfabetismo no país. O país, na década de 1960, vivia a era do projeto nacional-desenvolvimentista, assumindo o papel da ideologia dominante. A premissa, à época, considerava o projeto progressista, na medida que propunha o crescimento econômico através da industrialização. A proposta desenvolvimentista conservava a dominação da elite brasileira e sacrificava grande parcela da população dominada e da mão de obra explorada (FÁVERO, 2004).

Quanto à profissão e ocupação dos alfabetizandos, a produção de dados aponta que a maioria constitui-se de aposentados/as e/ou agricultores/as, seguidos de dona de casa,



doméstica, motorista, trabalhador por dia, serviços gerais, manicure, lavadeira, trancista, ajudante de pedreiro, servente, pintor automotivo, carpinteiro. É possível destacar que as profissões elencadas demandam da mão de obra barata e não especializada, por isso essas pessoas passaram a vida inteira na clandestinidade profissional, ou seja, não foram contratualizadas, não tiveram seus direitos respeitados, não tiveram, na maioria dos casos, carteira profissional assinada.

Do ponto de vista dos anos de escolaridade dos alfabetizando, o estudo aponta que 92,5% já frequentaram a escola e apenas 7,5% nunca estiveram em sala de aula. Esse dado nos chama a atenção também, principalmente quando perguntado até que série/ano estudaram. Uma parcela importante estudou o Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais, poucos não frequentaram a escola, contudo a maioria não sabe ler ou escrever, ou apresenta sérias dificuldades na interpretação do que lê e na escrita das palavras, mesmo entre aqueles/aquelas que chegaram ao Ensino Fundamental nos Anos Finais, do mesmo modo que o alcance do Ensino Médio em EJA não foi suficiente para torná-los proficientes na língua.

Na questão sobre o motivo de não ter continuado os estudos, as narrativas permeiam a necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar, casamento, distância entre a residência e a escola, condições financeiras, maternidade, dificuldade em aprender, sentimento de exclusão em razão da deficiência. É recorrente entre as mulheres o seguinte depoimento: *“Na época, o meu pai não permitiu, pois este dizia que a filha não iria estudar porque iria aprender a escrever carta para namorado, bem como tinha que cuidar das tarefas de casa, e das plantações/roça”*. É comum nas pesquisas com mulheres não alfabetizadas e moradoras da área rural o relato sobre a proibição de frequentar a escola por parte dos pais e como justificativa o “perigo” da escrita para as mulheres.

O pensamento retrógrado se explica quando estabelecemos uma interface com o período de juventude dessas mulheres, que remonta a décadas em que estudar/alfabetizar-se era privilégio da burguesia, de uma cultura pouco praticada por aqueles/aquelas que labutavam com a terra e pouco ou quase nada necessitavam dos registros escritos para sobreviver. É uma questão que sugere desdobramentos e reflexões mais cuidadosas sobre as dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais de cada período histórico. Nesse sentido, Freire (2016) afirma que em sociedades cuja estrutura é



pautada na dominação das consciências a pedagogia é do dominante. Para o autor, os métodos de opressão não servem à libertação do oprimido. O esforço totalizador da práxis humana, segundo Freire (2016), é retotalizar-se como prática de liberdade.

Podemos afirmar que uma sociedade orientada pela lógica do capital é governada pelos interesses da classe burguesa e nações dominantes, o que coloca em disputa os dois projetos: o projeto do capital e o projeto de humanização. O projeto do capital sabemos ler, enquanto classe trabalhadora, pois, por mais generosos que sejam os propósitos dos educadores, sinaliza Freire (2016), a trama da dominação barra as possibilidades de educação que se destinam à classe trabalhadora.

Quanto à última questão do formulário, surpreenderam-nos algumas respostas dadas pelo seu forte componente de sonho, um sonho construído na esperança como projeção de futuro. Vejamos a narrativa de uma senhora com mais de oito décadas de vida:

Espero conhecer novas pessoas e suas histórias de vida, quero agregar novos conhecimentos em minha vida, então acredito que será um momento importante e cheio de reflexões. Quero aproveitar o máximo, e sei que muitas coisas boas estão por vir. Está sendo algo novo para mim, então o que vier irei abraçar com todo amor e carinho.

Não imagino o que está por vir, nem muito menos sei o que irei conhecer, por se tratar de uma experiência nova e única, mas que estou abraçando com todo amor e carinho, e que me esforçarei bastante para adquirir novos conhecimentos que levarei para sempre em meu coração. Digo único porque já tenho 81 anos e nunca tive a oportunidade de estudar, de entrar numa escola, pegar num caderno, numa caneta, então esta será a minha primeira experiência em contato com os estudos (mesmo sabendo que será em poucas semanas, com certeza será um momento inesquecível para mim), também quero aproveitar esse momento para conhecer outras pessoas, outras histórias, pois eu acredito que grandes coisas estão por vir, e nada acontece por acaso, é tudo plano de Deus. (Alfabetizanda)

A narrativa move-se em consonância com o que propõe Brandão (2002), ou seja, nos convida a refletir sobre a educação como essencial e insubstituível, a partir de práticas culturais de vida humana, o projeto de sociedade pautado na humanização. Somos perenes educandos, insiste o autor, em que a vida humana pode se converter num projeto sempre adiado e, portanto, nunca será o momento oportuno de vivê-lo. Ainda, Brandão (2002) corrobora ao afirmar que todo projeto humanista de educação deve ser francamente utópico. Com base nessa roda de conversa, segundo a narrativa de uma alfabetizanda com mais de oitenta anos, e nos escritos de Brandão (2002), entendemos



que alfabetizar-se é o sonho de muitos/as brasileiros/as e se constrói na perspectiva da educação que humaniza as práticas sociais.

Realizada a matrícula, partimos para o campo de estágio com o levantamento do universo vocabular, em observação às orientações sanitárias de enfrentamento ao coronavírus. A escolha do alfabetizando seguiu o critério rigoroso de matricular apenas pessoas do convívio mais próximo, por esta razão a turma montada compôs-se de familiares dos/as graduandos/as. De posse das palavras geradoras, os grupos de estagiários/as formularam eixos temáticos, como mostra o Quadro 1.

Quadro 1

Eixos Temáticos

Eixos temáticos - 1ª Edição	Eixos temáticos - 2ª Edição	Eixos temáticos - 3ª Edição
<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho Na Roça • Da negação ao direito de estudar: histórias de lutas e superações • Mulheres da Terra: Rezas e Plantas Medicinais • Campo e Cidade: faces da mesma moeda • Ao som da palmatória, só letras do ABC • Retalhos da vida: roupa, reza, cacau, mandioca e amendoim • Samba, suor e moqueca do Vale • “Tempo rei, transformai as velhas formas do viver”: desemprego, machismo e sofrimento 	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho da dona de casa no cuidado da família • Valorização do trabalho da mulher no exercício de sua profissão • Desigualdade social, pobreza e superação de vida. • A importância da agricultura familiar e as dificuldades que as mulheres encontram ao saírem do campo para a cidade • Saberes populares • Reconhecendo sua identidade • Do plantio à colheita na vida camponesa • Medicina natural 	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho da dona de casa no cuidado com a família • Valorização do trabalho da mulher no exercício de sua profissão • Desigualdade social, pobreza e superação de vida • A importância da agricultura familiar e as dificuldades que as mulheres encontram ao saírem do campo para a cidade • Saberes Populares • Reconhecendo a sua identidade • Do plantio à colheita na vida camponesa • Medicina natural

Fonte: Extraído dos Relatórios de Estágio.

Após a etapa de elaboração dos eixos temáticos realizou-se a construção dos planos de aula. As etapas do plano de aula constavam de: eixo temático, problematização, sistematização/análise, síntese e materiais utilizados. Os estudantes realizaram o estágio em duplas; além disso, todas as situações de encontros de elaboração, orientação e o estágio/regência ocorreram no formato *online* através do *Google Meet*. Cada dupla ficou responsável por ministrar um período/dia de aula e os demais estagiários acompanhavam e participavam das aulas ao lado do alfabetizando matriculado.

Para cada edição do estágio, nesse formato, aconteciam círculos de cultura organizados pelas docentes/orientadoras do estágio com vistas a acolher os alfabetizandos,



pois muitos se sentiam inseguros em adentrar a universidade, mesmo via tela do *notebook* ou celular. Esse acolhimento foi bastante oportuno, concentrávamos em atividades culturais relacionadas às práticas culturais dos alfabetizandos, como, por exemplo: samba de rodas, cantigas, cordel, teatro, entre outros. No relatório de uma das estagiárias consta a narrativa desse momento:

Esse primeiro dia foi destinado para interação entre professores, estagiários e educandos, conhecendo uns aos outros... A professora dando continuidade, pontuou que os educandos eram alunos da UFRB agora e ganhariam certificado pela participação nas aulas. Foi um momento único com várias trajetórias de lutas, vivências, movidos por esses relatos os estagiários entregaram os cadernos para seus respectivos alunos. Pude observar tamanha satisfação no olhar de cada educando em ter seus cadernos e lápis em mãos. (Margarida⁵, 2022)

Aos poucos, os alfabetizandos passavam a participar ativamente das aulas. A cada problematização levantada traziam indícios do vivido, nos ensinavam receitas, chás naturais, cantigas de roda e narravam a labuta e a dureza da vida, verdadeiros mestres de saber.

Minha educanda, Dona Josefina disse: *“nunca fui em uma escola, aprendi a ler nas noites de lua cheia”*. Vó Zefa relata que durante todo o dia trabalhava, o único tempo que tinha para estudar com a sua irmã era a noite e não havia gás, que era o combustível para a iluminação da época, ela ainda se recordou sobre a cartilha da mãe que contava a história de Frederico Preguiçoso. (Margarida, 2022)

No primeiro dia de aula, todos escreviam seu nome no caderno presenteado pelos/as estagiários/as, uma alegria imensa contagiava a aula.

A Professora/coordenadora do Tecelendo participou de todas as edições do estágio na condição de supervisora. Na abertura de cada edição, a professora, que também é docente da UFRB, exibiu um documentário do Programa de Extensão Tecelendo, conforme narra o estagiário Cravo:

A professora supervisora se apresentou e em seguida relatou um pouco sobre o Tecelendo, local onde aconteceu o estágio, apresentando os objetivos do programa e as atividades que são desenvolvidas, que reúnem a tecelagem e a aprendizagem em um espaço feito pelo povo da classe trabalhadora que ao mesmo tempo que aprendem a tecer aprendem também a ler e escrever, mas sobretudo aprendem a ler o mundo e a realidade. (Cravo, 2022)

⁵ O uso do nome fictício se justifica para preservação da identidade dos estagiários. Optamos por nomes de flores do jardim da cidade de Amargosa: Cravo, Rosa e Margarida.



Na edição 2022.1, na abertura, tivemos “[...] a participação teatral da colega Letícia Leone encenando, cantando e recitando poema” (Cravo, 2022). Os momentos de aula foram planejados e orientados com a intencionalidade de que “[...] As atividades desenvolvidas no estágio [fossem] alicerçadas a partir do Método de Paulo Freire, as aulas e os planejamentos foram pautados nessa perceptiva” (Cravo, 2022).

Na condução do planejamento recorremos aos escritos de Brandão (1991) e de Lyra (1996). Para a compreensão do Método de Alfabetização em Paulo Freire houve uma intensa dedicação dos estagiários. A lógica de planejamento ainda é centrada num modelo conservador de educação, pautada na educação bancária, com objetivos formulados pela professora a partir de um currículo prescrito. Na perspectiva do Método em Freire, o planejamento parte da pesquisa do universo vocabular e todas as suas etapas são vistas/pensadas com os sujeitos envolvidos no processo. A dimensão didática ganha outra tonalidade, pois o compromisso é com a vida, planeja-se pensando na existência e nas práticas sociais, numa pedagogia em que o esforço é a práxis humana.

Fiori (1967) afirma que a “[...] educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido” (p. 33); “[...]significa dizer que a pedagogia não é para ele, mas dele. Os caminhos para a liberação são dos oprimidos que se liberam: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsável” (p. 33). Por esta razão, os desafios para elaborar um planejamento na perspectiva freiriana exigiam total imersão teórica e, sobretudo, “abandonar” velhas práticas de planejamento. Segue-se a descrição de uma parte do planejamento para compreensão de como as aulas foram conduzidas, segundo a narrativa de Rosa (2022):

No segundo dia [...] teve como tema gerador *A beleza como possibilidade de resistência no contexto da emancipação feminina*. Esse tema é muito pertinente e pela participação das(os) alunas(os) percebeu-se que a temática faz parte da realidade de todas(os) delas(es), enquanto as professoras explicavam, algumas alunas contribuíam contando um pouco de sua história de vida. O interessante é que essas histórias se entrelaçavam ao mesmo tempo em que se era particular, era plural e coletiva.

As atividades eram acompanhadas pelos estagiários e a cada aula incorporava-se uma atividade de “casa”, pois os alfabetizados ficavam ávidos por atividades sistematizadoras e onde pudessem registrar suas palavras. As atividades proporcionavam dizer sua palavra, denunciar o vivido e rememorar passagens da vida, ainda eram momentos



de reflexão profunda dos direitos negados, momentos em que os estagiários incorporavam a educação como um ato político. Cabe salientar que a maior dificuldade se deu no processo de matrícula, considerando que muitos adultos se sentiam tímidos em frequentar a “escola”. Superada essa dificuldade inicial, os dias passavam rapidamente, a presença era de 100% nas aulas, como também o rigor do cumprimento do horário, característica dos adultos e idosos em processo de alfabetização/escolarização.

Por fim, evidenciamos o testemunho do estagiário Cravo (2022) sobre suas impressões acerca do estágio:

Algumas impressões podem ser apontadas mediante a observação na aula de abertura do estágio, os educandos e educandas se mostraram bastante motivados em aprender, timidamente todos e todas participaram da aula. Foi notória a satisfação e o brilho no olhar dos/as estudantes ao estarem dando passos na realização de seus sonhos que perpassam pela experiência da escola. Percebi que os sonhos relatados se configuram a partir de um lugar comum que é a possibilidade de oportunizar aos seus filhos aquilo que não tiveram em sua juventude, a escolarização, se formar para ser, se tornar algo ou alguém. Ou ainda conseguir realizar o sonho de se tornar também esta pessoa escolarizada. A escola na vida dessas pessoas é a oportunidade de melhores condições de vida e de um futuro melhor, para eles e elas a educação é o melhor caminho para alcançar todos os sonhos.

Pedimos licença para convidar Thiago de Mello a finalizar as reflexões aqui tecidas anunciando a boa nova: *novos homens e novas mulheres forjaram seus sonhos, cujo fel espesso não resiste a quarenta horas de total ternura*. É assim que entendemos a experiência do estágio: mesmo em passagens turbulentas da pandemia e dos direitos negados, fez nascer a esperança, carregada de ternura.

4 APONTAMENTOS FINAIS

Os apontamentos finais deste estudo permitem-nos dizer nossas palavras, na condição de docentes do ensino superior e, sobretudo, na posição de gente que se sensibiliza com a realidade imposta por um dos períodos de maior sofrimento da humanidade, o tempo pandêmico da Covid-19.

Assim sendo, dizer a nossa palavra não foi tarefa fácil, o ofício de docente não cessou durante o luto planetário. Os sonhos dos jovens estudantes da graduação, numa universidade predominantemente frequentada por filhos/as da classe trabalhadora, sustentavam seus projetos de futuro e se apegar a esse sonho era uma forma de



permanecer vivo. Por outro lado, manter a chama da esperança acesa era a única forma de não ceder ao desespero e ao medo.

Nossas palavras foram sendo ditas, rompendo “os silêncios” impostos pelo luto, amparadas na educação humanística, em autores que, acima de tudo, são semeadores da boa nova. Os autores citados coadunam na perspectiva de que a educação acontece de diversas formas e em diferentes lugares. Brandão indaga (2002): Será que existe um lugar importante para o trabalho que realizamos como professores, como educadores? Os professores para Brandão (2002) estão na linha de frente da formação das pessoas.

O que inicialmente causava estranhamento e até mesmo repulsa, o uso das “telinhas” para ministrar aulas, o chamado ensino remoto, transformou-se na única possibilidade de ir adiante com a formação desses jovens que viviam a era das mais profundas incertezas. Diante do cenário mundial pandêmico, o ensino remoto foi o caminho vislumbrado para não parar a universidade. O ensino remoto possibilitou o acesso à educação em um momento de emergência, embora manipular as plataformas digitais gerou insegurança na comunidade acadêmica, evidenciando dificuldade quanto ao acesso para todos, diante das tecnologias necessárias para realização das aulas. Esse cenário também nos levou à superação e ao uso de estratégias potencializadoras de aproximações com as “gentes” e com outras epistemologias. A demanda era oferecer o componente curricular Prática Reflexiva em Educação de Jovens e Adultos, um estágio supervisionado e obrigatório, sendo o último estágio do curso de Pedagogia. Assim, oferecê-lo significava a chave da passagem para a finalização da graduação.

Para tanto, elaborou-se o projeto “Quarenta horas em Angicos como inspiração para quarenta horas em Amargosa”, com o objetivo de refletir sobre o processo de alfabetização baseado na perspectiva epistemológica de Paulo Freire e seu método político-emancipatório, bem como contextualizar o “método” Paulo Freire conforme a proposta realizada com os estudantes em formação e seus familiares não alfabetizados ou pouco escolarizados, vivenciada como releitura das quarenta horas em Angicos.

Entendemos que a proposta alcançou seu objetivo, em especial porque atingiu o volume de pessoas considerável face às dificuldades impostas pela restrição sanitária, sobretudo a presença constante dos familiares que incorporaram a importância do estágio para a realização dos seus sonhos e dos seus filhos, netos, sobrinhos ou amigos a fim de



concluírem a graduação; além disso, vivenciamos momentos ricos de diálogos pautados na escuta, respeito e consciência crítica.

Em todo corpo desse texto encontra-se firmado o compromisso com a educação enquanto prática da liberdade. Compreendemos, na tessitura desse projeto e na sua irrefutável prática social, uma ação cultural sistematizada e deliberada que incidiu sobre a estrutura social no sentido de transformá-la. Ainda, inspirados pelo mestre Paulo Freire (2016), coadunamos com a afirmação de que a ação cultural ou está a serviço da dominação, seja consciente ou inconscientemente, ou está a serviço da libertação dos homens e mulheres.

Dito isso, ambas, dialeticamente antagônicas, se constituem na dialeticidade permanência-mudança. Não podemos afirmar uma mudança radical na realidade daqueles/daquelas que participaram do processo de alfabetização/escolarização, haja vista o período ser insuficiente para abarcar no debate toda a complexidade da realidade posta. A pesquisa se abre para tantos outros achados e perspectivas, em especial sobre o impacto dessa ação cultural na vida desses sujeitos, uma abertura para novas e profícuas propostas de continuidade da ação, tanto numa ação de extensão quanto de aprofundamento do estudo em tela. Não se pode, por outro lado, ingenuamente acreditar na extinção dessa dialeticidade, pois as características da ação cultural dialógica se assentam no que acabamos de analisar, tal desaparecimento, segundo Paulo Freire (2016), não implicaria o desaparecimento da estrutura social, mas a necessidade de superação das contradições antagônicas das quais resulta a libertação dos homens e das mulheres.

Em suma, a importância da memória aqui registrada reside em dar visibilidade àqueles/aquelas que tiveram seus sonhos roubados. Moveu-se, essa memória, na captura do não anunciado, e, conseqüentemente, de todos aqueles/aquelas que foram silenciados nos mais distintos períodos históricos. Assim dito, é sempre de relevância social descortinar as possibilidades de emancipação humana, em especial, frente às potencialidades das práxis da educação que liberta. Terminamos este escrito com Thiago de Mello, que tão bem ilustrou algumas passagens iniciais ou finais de cada seção com seu poema: pedimos “[...] licença para terminar soletrando a canção de rebeldia que existe nos fonemas da alegria: canção de amor geral que eu vi crescer nos olhos do homem que aprendeu a ler”.



REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Método Paulo Freire. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Rev. Ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 313-314.
- BRANDÃO, Carlos. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- FÁVERO, Osmar. MEB – Movimento De Educação De Base primeiros tempos: 1961-1966. **V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação**, realizado em Évora, Portugal, de 5 a 8 de abril de 2004.
- FEITOSA, Sônia Couto Souza. Como alfabetizar com o método Paulo Freire hoje? In: PADILHA, Paulo Roberto (Org.). **Caderno de formação**: como alfabetizar com Paulo Freire [recurso eletrônico] – ano 1. 1. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019. Disponível em, *Caderno-de-Formacao---Como-Alfabetizar-com-Paulo-Freire.pdf. Acesso em: 16 Set. 2022.
- FERNANDES, Calazans. In: LYRA, Carlos. **Quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.
- FERNANDES, Francisco das Chagas. Apresentação: Brasil celebra os 50 anos de Angicos. In: GADOTTI, Moacir (Org.). **Alfabetizar e Conscientizar**: Paulo Freire, 50 anos de Angicos. 1. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.
- FIORI, Ernani Maria. Prefácio In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FREIRE, Paulo. Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo. In: FÁVERO, Osmar (Orgs.). **Cultura Popular e Educação Popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p. 99-127.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro, IBGE, 2023.
- LYRA, Carlos. **Quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.
- MELLO, Thiago de. **Faz Escuro Mas eu Canto** – Porque a Manhã Vai Chegar. Poesias. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- SAMPIERE, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução Fátima Conceição Murad. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.



SANTOS, Maria Lêda Lóss dos; DAMIANI, Fernanda Eloisa. Introduzindo novas e antigas discussões: desvelando a rede do analfabetismo. In: SANTOS, Maria Lêda Lóss dos; DAMIANI, Fernanda Eloisa. **Desvelando o analfabetismo no Brasil**. Passo Fundo, UPS, 2005. p. 17-21

AUTORES

GILSÉLIA MACEDO CARDOSO FREITAS. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- (UFRB). Doutora em Educação, Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia e da Pós-graduação em Educação e Interdisciplinaridade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com atuação no Centro de Formação de Professores (CFP). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão Carolina Maria de Jesus: Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2967-1612>. E-mail: gfreitas@ufrb.edu.br.

MARIA EURÁCIA BARRETO DE ANDRADE. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Doutora em Educação, Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia e da Pós-graduação em Educação e Interdisciplinaridade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com atuação no Centro de Formação de Professores (CFP). Pesquisadora e Líder do Núcleo de Pesquisa e Extensão Carolina Maria de Jesus: Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9910-0527> E-mail: mariaeuracia@ufrb.edu.br

SEVERINO BEZERRA DA SILVA. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Ciências Sociais, Docente do curso de Licenciatura Pedagogia e da Pós-graduação vinculado ao Programa de Educação-PPGE, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Extensão Carolina Maria de Jesus: Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora e líder do grupo de pesquisa Educação Popular, Memórias e Saberes. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3062-6640>. E-mail: severinobsilva@uol.com.br.